

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral  
Pós Graduação em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar

TATIANE MELLO

VIVER E DESPERTAR: A EMANCIPAÇÃO ATRAVÉS DA  
EDUCAÇÃO NOS PROCESSOS ENTRELAÇADOS PELO  
SER, VIVER, SOCIEDADE E A UFPR-LITORAL

Matinhos

2018

TATIANE MELLO

VIVER E DESPERTAR: A EMANCIPAÇÃO ATRAVÉS DA  
EDUCAÇÃO NOS PROCESSOS ENTRELACADOS PELO  
SER, VIVER, SOCIEDADE E A UFPR-LITORAL

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao curso de Pós Graduação em  
Questão Social e Interdisciplinar da Universidade  
Federal do Paraná – Setor Litoral, como requisito  
de obtenção do grau de Especialista em Questão  
Social.

Orientador: Valdo José Cavallet

Matinhos

2018




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR LITORAL  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM QUESTÃO SOCIAL NA  
PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR




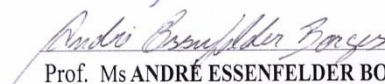
### PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO


Os membros da Banca Examinadora, designados pelo Orientador Prof. Dr **VALDO JOSÉ CAVALLET** realizaram em **28 de março de 2018** a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **TATIANE MELLO**, composta ainda pelos Prof. Ms **ANDRÉ ESSENFELDER BORGES** e Dr<sup>a</sup> **LENIR MARISTELA SILVA** sob o título “**VIVER E DESPERTAR: A EMANCIPAÇÃO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO NOS PROCESSOS ENTRELAÇADOS PELO SER, VIVER, SÓCIEDADE E A UFPR-LITORAL**” sendo requisito parcial para obtenção do título de de Especialista no curso de Especialização em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar da UFPR - Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo recebido conceito “ APL ”.

Matinhos, 28 de março de 2018.

  
Prof. Dr **VALDO JOSÉ CAVALLET**

  
Prof. Dr<sup>a</sup> **LENIR MARISTELA SILVA**

  
Prof. Ms **ANDRÉ ESSENFELDER BORGES**

  
**TATIANE MELLO**

Conceitos de aprovação  
APL – Aprendizagem Plena  
AS – Aprendizagem Suficiente

Conceito de reprovação  
APS – Aprendizagem Parcialmente Suficiente  
AI – Aprendizagem Insuficiente

Observação:  
Caso o(a) estudante seja orientado(a) reformular seu trabalho, deve-se registrar no verso os requisitos apontados pela Banca Examinadora para o aceite final do trabalho

## *AGRADECIMENTOS*

*A DEUS pela vida. A meu pai, Robson Luiz Mello e minha mãe Solene Pinto Mello, por terem me proporcionado minha educação humana e amorosa. As minhas irmãs Jessica Mello e Caroline Mello por terem me acompanhado, compreendido minhas emoções, coragens e limitações. Aos meus amigos, que enxugaram minhas lágrimas e deram apoio. Ao meu mediador Valdo José Cavallet por ter me mostrado a importância da narrativa de vida e me apresentado à educação, reforçando o sentimento de me fazer sentir a pessoa e o assunto mais importante para mim: o eu que me constitui. Por eles escrevo minha trajetória de vida acompanhada da educação: que me fazer transbordar de alegria.*

## **RESUMO**

Através do registro da história de vida é possível reviver, reanalisar e ressignificar vários momentos importantes na constituição do ser. Também atribuir sentido para aquilo que no momento vivido passou com pouca significância. Neste trabalho concluo que minha vida esta circundada com a educação. Ela aparece muito nítida a cada momento vivido entrelaçando significados e conclusões. Este trabalho de conclusão de Pós-Graduação em Questão Social e Interdisciplinar da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral foi pensando objetivando registrar minha caminhada, meu amadurecimento pessoal, escolhas e posições bem como refletir sobre todo o ciclo educacional obtido durante o período de escolarização, e os demais ciclos sociais que entrelaçam a existência do meu ser.

Palavras chaves: História de Vida. Educação. Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral.

## **RESUMEN**

A través del registro de la historia de vida es posible revivir, reanalisar y resignificar varios momentos importantes en la constitución del ser. También atribuir sentido a lo que en el momento vivido pasó con poca significación. En este trabajo concluyo que mi vida está circundada con la educación. Ella aparece muy nítida a cada momento vivido entrelazando significados y conclusiones. Este trabajo de conclusión de Postgrado en Cuestión Social e Interdisciplinaria de la Universidad Federal de Paraná - Sector Litoral, fue pensando objetivando registrar mi caminata, mi maduración personal, elecciones y posiciones así como reflexionar sobre todo el ciclo educativo obtenido durante el período de escolarización, y los demás ciclos sociales que entrelazan la existencia de mi ser.

Palavras clave: Historia de vida. Educación. Universidad Federal de Paraná - Sector Litoral.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	1
2 A CHEGADA NA EDUCAÇÃO: O ROMANCE NA SÍNTESE, SOMOS TODOS EDUCADORES.....	2
3 A FAMÍLIA E A COMUNIDADE: A EDUCAÇÃO É UM PROCESSO QUE SE INICIA QUANDO SE NASCE.....	4
4 CONHECENDO PAULO FREIRE E JOSÉ PACHEGO.....	23
5 SUPREENDER-SE: PROJETOS EDUCACIONAIS DE ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO.....	25
5.1 Escola Municipal Antônio Coelho Ramalho.....	25
5.2 Heliópolis, Bairro Educador; CEU - Centro Educacional Unificado; Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) Campos Salles.....	26
6 RESSIGNIFICAÇÕES E EMANCIPAÇÃO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO.....	30
7 E DE AGORA EM DIANTE?.....	32
REFERÊNCIAS.....	34

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de uma autorreflexão sobre meu processo de emancipação como sujeito através da educação. Objetiva-se em registrar o processo aprendizagem e os entrelaçamentos com a educação permitidos através dos processos vividos na UFPR Litoral, envolvidos pelo ser, sociedade e viver.

Trata-se de refletir, analisar, e tirar conclusões sobre um processo de relação com a referida Universidade, que se iniciou quando eu possuía quinze anos de idade, ao ingressar no Ensino Médio integrado com o Técnico em Orientação Comunitária; desenvolveu-se para a Licenciatura em Linguagem e Comunicação, e atualmente com a conclusão da Pós em Questão Social e Interdisciplinar aos vinte e quatro anos: constituição de ressignificações, transformações, e interações.

Descobrir o processo da educação é uma coisa mágica. Educar-se é emancipar-se de várias formas. Foi através desse grande encontro com a educação que este trabalho visa registrar minha história de vida buscando os aspectos educacionais que impactaram meu processo de aprendizagem e meu desenvolvimento humano, bem como deixar explícito ao leitor minha compreensão sobre o que é educação.

No que se se refere à escolha do gênero história de vida, não poderia ter feito escolha melhor para registrar meu trabalho de conclusão de curso, pois “é certo que a vida não explica a obra, mas certo também que elas se comunicam. A verdade é que esta obra a ser feita exigia esta vida” (Merleau-Ponty, 1966, pp. 34-35). Também seria impossível falar sobre a emancipação que a educação proporciona se não tivesse a vivenciado e criado propriedade para falar dela.

Em relação à importância desse gênero e sua ligação com a educação, Wilton Carlos Lima da Silva, Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita em seu artigo *A vida, a obra, o que falta, o que sobra* pontua que:

Na história da educação, a relação entre biografia e aprendizagem surge na França nos anos 1970, com os trabalhos de Henri Desroche, na *École des Hautes em Sciences Sociales*, ao propor a autobiografia refletida, que tinha como objetivo utilizar a

história de vida como processo de “pesquisa-ação-formação”. (SILVA, 2015, p. 108)

No Brasil na década de 90, a história de vida seguiu como método para que se pudesse compreender como os professores vivenciam os processos de formação e a vida no magistério, tendo como método de investigação a história de vida. (PASSEGG, SOUZA, VICENTINI, 2011, p. 370).

Desbravar esse gênero, desperta questões voltadas à comunidade, a cultura, ao cotidiano, a constituição do ser, do viver e do transformar-se. Concluo afirmando que é uma pena que a escola não se aproprie deste método para avançar na relação professor/aluno, aluno/escola/comunidade.

## **2 A CHEGADA NA EDUCAÇÃO: O ROMANCE NA SÍNTESE, SOMOS TODOS EDUCADORES.**

*“Educação é um processo que inicia quando se nasce e encerra-se quando se morre. É um processo pelo qual é possível interagir no mundo em que se vive e no mundo em que se deseja viver”. Valdo José Cavalett.*

No tocante a educação, o *conhecer-se* e conhecer a outro é essencial. A relação humana precisa estar presente nesse processo. Sobre isso Freire ressalta que:

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, pág. 45)

Ainda quanto à relação humana, Erick Morais<sup>1</sup> (2017) em seu texto *O medo de ser livre provoca orgulho em ser escravo*, afirma que analisamos as coisas sempre a partir de uma determinada perspectiva e, assim, passamos a atribuir-lhes valor. Ora, que certo sentido essa afirmação ganha quando percebemos a importância de ouvir o outro e somar novas perspectivas, ouvir-

---

<sup>1</sup> Disponível em <https://www.pensarcontemporaneo.com/o-medo-de-ser-livre-provoca-o-orgulho-em-ser-escravo/> Acesso em 25/03/2018.

lhe como uma criança que escuta as histórias de seus avós e aprende com elas.

Mais delicado que isso, é entender a educação como um fenômeno humano: perceber que como sujeitos políticos somos educados e estamos educando em qualquer lugar: com a história de vida que temos; com a formação que escolhemos ou com o trabalho que realizamos. Estamos em processo de educar-se a todo o momento e, esse processo não pode se fragmentar.

No entanto, é notável que um grande desafio nos cerca, pois ainda paramos para refletir ao responder as seguintes perguntas *O que é educação? O que é educar?* E, precisamos de mais reflexão quando o assunto é *Como educar?* De fato, nesse processo é preciso compreender-se para decifrar-se e para assim interagir com a conscientização desses processos.

No que se refere ao *como educar*, é importantíssimo praticar o exercício de perceber os sujeitos desse processo. Não somente citá-los como seres participantes, mas, como seres individuais, com suas características e conjunturas.

Desbravar-se pela educação e pelo educar, é perceber-se em um processo de metamorfose. Do casulo, ao mundo da curiosidade e da instigação; da instigação ao processo de responder a perguntas e de viver momentos; de fazer escolhas; de moldar atitudes; de aprender a posicionar-se; de nunca se sentir totalmente satisfeito, pois o ato de educar é um processo vivo, que nunca para, começa e recomeça em todo o lugar.

Despertar o processo de educação, ou me despertar como educadora na sociedade foi (e é) resultado de todos os momentos vividos: participação em todos os processos de socialização do conhecimento; aprender com Paulo Freire, José Pacheco, Tião Rocha, e vários outros excelentes exemplos de educadores e de pessoas que participaram e socializaram a Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação - CONANE; passar um final de semana em saída de campo; olhar o céu, o amor e abraçar um amigo.

Educar-me/se é senti imenso prazer em discutir e participar desses processos: é matar a minha fome, sentir-me satisfeita, sentir fome novamente e, soltar um sorriso em pensar-me como educadora.

### **3 A FAMÍLIA E A COMUNIDADE: A EDUCAÇÃO É UM PROCESSO QUE SE INICIA QUANDO SE NASCE.**

Nasci em 1993 na cidade de Foz do Iguaçu no Paraná, na qual vivi até meus quatro anos de idade, quando minha família se mudou para uma cidade vizinha chamada Santa Terezinha do Itaipu. Minha descendência é Italiana/Baiana por parte de mãe e Portuguesa/Bugre por parte de pai. Cresci em uma família grande, com um total de dez tios (as). Em ambas as partes de minha família há um filho adotivo. Antigamente, na cidade de Foz do Iguaçu, fronteira com Paraguai e Argentina, a pobreza era tamanha e muitos eram os casos de adoção de crianças. Era aquela adoção urgente que só regularizava quando a criança já tinha certa idade.

Marcia Graciela Martins é minha tia de coração. Adotada por meus avós paternos quando tinha aproximadamente um ano e meio de vida e pesava cerca de um quilo e meio. Foi um bebê desnutrido, que era cuidada por sua avó Argentina e alimentada com água e farinha. Seu pai natural era alcoólatra, morreu atropelado pelo trem. Assim, lhe restou somente a mãe e a avó que eram extremamente miseráveis e pelos motivos que só a elas cabem julgar, sua avó optou em colocá-la para adoção em um hospital em que a internou em Foz do Iguaçu. Minha avó paterna que acabava de ganhar seu último filho, ao se comover e solidarizar com a situação a adotou.

Marcia Graciela precisou de tratamento especial. Segundo meu avô, a adoção da Marcia Graciela foi uma revelação de DEUS. Após o período de hidratação no hospital, meu avô e pai contam que para que ela se alimentasse era necessário que fossem fechados o nariz e a boca para que ela engolisse.

Infelizmente, Grace carrega algumas sequelas: não consegue ler e escrever. O mais engraçado é que sempre amou a escola. Mesmo sem conseguir prosperar na aprendizagem, esteve sempre matriculada. Um fato interessante foi o dia em que uma das escolas em que estudou chamou meu avô e disse-lhe que não teriam mais o que ofertar para ela, pois de forma alguma ela aprenderia.

Meu avô muito sábio pediu que a deixassem continuar frequentando a escola até que a idade escolar se completasse, porque esse era o maior prazer

dela. Até hoje, com seus quarentas e poucos anos, ela está sempre acompanhada de caderno, lápis e frequenta o grupo da terceira idade de Guaratuba no qual realizam atividades em grupo, como por exemplo, pintam panos de prato e fazem atividades.

Ambas as famílias tiveram uma história de constituição difícil. Minha avó materna ficou viúva com vinte e poucos anos e com quatro meninas pequenas na cidade de Quinta do Sol no Paraná. Mudou-se para Foz do Iguaçu para viver do comércio: vendia Avon (linha de produtos cosméticos brasileira) na cidade de Leste do Paraguai, além de trabalhar em função de limpeza em um dos bancos da cidade. Minha mãe e tias eram cuidadoras de crianças, passavam a maior parte do dia sozinhas em casa. Hoje, minha avó salienta em suas falas que os programas atuais de auxílio às famílias como o “Bolsa Família” teria sido de grande ajuda para a subsistência dela e das meninas naquela época. Registro que minha avó materna Marlene Pinto Soprani foi uma guerreira e que hoje devemos muito a ela!

Meu avô paterno, hoje com 87 anos, conta que em sua infância, nos sítios aos arredores de onde morava, haviam escravos (o que me faz perceber quão recente foi à abolição da escravatura no Brasil e seus vestígios se delongaram por muito tempo). Com o mesmo propósito de melhorar de vida, migrou para cidades grandes em busca de viver do comércio. Conta-nos que a melhor coisa que tinha quando foi se aventurar no Brasil a fora era um par de sapatos. Mudou-se para Curitiba e logo após para de Foz do Iguaçu, onde conseguiu através de muita economia e esforço viver do comércio.

Conforme conjuntura daquela época (1930 – 1950) nenhum de meus avós teve acesso à educação, completando muito sucintamente algumas séries do ensino fundamental, possuindo pouca leitura e escrita.

Ao relatar de forma bem sucinta a história inicial de vida dos meus avós, sinto-me completamente privilegiada por tê-los em minha vida ainda. Inclusive por ter uma bisavó viva.

Retomando a minha infância, pelos relatos da minha mãe e avós, eu era uma criança muito quieta. Dormia muito e não chorava por nada. Hoje, por ser uma mulher falante, que defendo meus princípios, lutadora, sonhadora e seguidora de uma educação emancipatória, ouço dos meus pais *que é*

*surpreendente comparar aquela criança calada com a mulher de hoje que sabe muito bem se defender.*

Das poucas lembranças expressivas que tenho da infância, lembro-me significativamente de uma escolinha, que me chamava muito à atenção por possuir os muros em formas de lápis de cor, muito colorido. Tratava-se da escola infantil em que estudava minha irmã mais velha. Como toda a criança, o desejo em ir para a escola era utópico. Mal sabia eu naquela época que escola/educação seriam meu objetivo de estudo, e que eu teria grande entrelaçamento com essa área.

Um fato engraçado, lembrado por minha família foi que durante uma semana inteira, ao ser deixada nessa escola, eu não parava de chorar, até que minha mãe, que escutava o choro a uma quadra de distância, viesse me buscar. É engraçado parar para analisar como é corajoso o ato que as crianças precisam ter ao se separar da mãe, da casa, para se aventurar na escola. Essa separação é marcante, e a escola precisa saber lidar com muita afetividade nesse momento, pois, segundo Pantalena (2010) quanto menor a criança, primeiro o vínculo será feito com o educador e só depois com os outros alunos.

A educação infantil é a parte mais delicada da concepção humana de uma pessoa. Ela é capaz de constituir seres humanos fantásticos. Muitos estudiosos da educação, como José Pacheco, frisam a importância dessa etapa educacional para a formação de uma população cidadã crítica e responsável.

Aos seis anos de idade, quando a situação financeira da minha casa começou a ficar difícil, mudamos para a cidade de Guaratuba. Como meu pai sabia lidar com a área de construção civil e Guaratuba estava crescendo nesse ramo, por ser uma cidade litorânea de muitos turistas e veraneios, nos aventuramos e permanecemos até hoje nesta cidade.

Foi em Guaratuba que se iniciaram meus laços educacionais, na qual completei a educação infantil. Como cada cidade possui uma cultura diferente e costumes diferentes, recordo que o primeiro impacto que tive na escola foi quando fui repreendida pela professora ao chama-la de “tia”, a qual me disse que não era meu parente e que eu deveria chamá-la somente de professora.

Acredito que foi a partir desse acontecimento, com seis para sete anos de idade que comecei a ter minhas primeiras observações críticas sobre as regras da escola e até sobre o autoritarismo que a educação estabelecia na relação entre professor e aluno.

Quanto à escola, era pequena, mas aconchegante. Salas de aulas na configuração tradicional, filas para entrar nas salas, paredes com muitos desenhos.

A vida em Guaratuba, cidade pequena, sempre foi muito monótona. Durante o ano a cidade era vazia, e durante o período que chamamos de temporada a cidade de trinta e cinco mil habitantes, chegava a receber um milhão de pessoas, o que continua acontecendo até hoje. Contudo, viver em Guaratuba garantiu uma vida tranquila, de qualidade. A infância foi marcada em sua maioria pelas mesmas pessoas, os colegas de escola geralmente eram os mesmo. Ponto negativo é que não havia nenhuma faculdade e para fazer uma graduação os moradores iam às cidades vizinhas como Paranaguá, Joinville e até Curitiba.

A chegada do ensino-médio foi muito significativa. A proposta de educação mudou muito. Lembro-me do medo que eu sentia ao pensar que as além de poucos professores, poderia ter contato com cinco por dia e que as aulas durariam 45 minutos.

O Colégio Estadual Professor Joaquim da Silva Mafra, no qual estudei o ensino fundamental até o 1º ano do ensino médio é considerado o melhor colégio estadual da cidade. Na época em que estudei, era muito rígido e regrado, concepção de educação tradicional, uso de uniformes, controle de carteirinhas para entrada, pouco diálogo entre os sujeitos professores e alunos.

Este colégio era composto de dois conjuntos de salas separados por um comprido corredor que possuía a mesma porta de saída. Lembro-me como se fosse hoje, que enquanto as aulas aconteciam à porta de grade do corredor central era trancada. Essa configuração me remetia muito à prisão. Nos dias atuais, não se tranca mais a porta de saída desse corredor. O colégio mantinha uma *inspetora* que era responsável em dar ordens, evitando a circulação pelo pátio. A sala dos professores era uma zona isolada e de muito respeito e receio. Nesta etapa era claro que nós como meros alunos estávamos em um

patamar extremamente inferior aos professores. A sala de informática era extremamente cuidada e não podíamos usufruir dela sem o que objetivo partisse de um professor. A biblioteca era pequena. Não a via como acesso a leitura, somente para viés de livro escolar. O banheiro dos alunos era feio, e sempre faltava papel, já o dos professores era reservado e bonito.

Quanto ao aprendizado, fui privilegiada em ter uma organização familiar que me proporcionou estudar sem ter que trabalhar e preocupar-se com a parte financeira da minha casa. Sempre fui uma aluna muito estudiosa, correspondia muito bem à aprendizagem das disciplinas, com notas boas e recebia prêmios como o do Rotary Club da cidade que presenteava com jantar e uma placa de ouro, bronze ou prata os três melhores alunos de cada ano escolar de toda a cidade de Guaratuba.

Para minha família isto era motivo de grande orgulho. Hoje percebo que esse tipo de incentivo não se concretiza da forma mais justa. Percebia que minhas amigas que tinham que cuidar de seus irmãos mais novos, enquanto suas mães trabalham fora o dia todo, ou seja, eram como mães de seus irmãos, não tinham tempo, nem ânimo para se dedicar aos estudos como eu, e os que recebiam esse tipo de prêmio tínhamos. Sem contar que o ensino médio tradicional se baseava em aprender matérias muitas das vezes descontextualizadas da vida diária como, por exemplo, estudar a história antiga de países como Roma, sem ao menos conhecermos as histórias da nossa cidade e país. Uma característica muito interessante minha é que sempre fui analisando e guardando em mim situações que me faziam pensar criticamente sobre a escola. Essas inquietações nunca passavam, e sempre eu me perguntava por que as coisas se concretizavam de formas tão difíceis.

É impossível negar que a educação tradicional, mesmo trabalhando o todo de forma fragmentada, concede a uma pequena parcela dos alunos a chance de ingressar em vestibulares e até concursos.

No ano de 2008 fiquei sabendo da existência da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, pela oferta do curso Técnico em Orientação Comunitária com ensino médio integrado.

A oportunidade desse vestibular foi um ponto muito positivo e animador, pois naquela época eu já estava completamente “saturada” da pedagogia de

opressão do sistema escolar, em referência é claro ao colégio em que eu estudava, somada com o período de adolescência. Acreditava que a escola poderia ser muito mais do que um local para somente aprender disciplinas.

A UFPR Litoral se mostrou uma Universidade diferente. Tendo um projeto diferenciado de todas as universidades. Percebi a UFPR Litoral como uma universidade completamente humanística em seu projeto pedagógico. De imediato seu discurso era de desenvolvimento do Litoral Paranaense, em benefício aos moradores da região que desejassem cursar uma graduação. A proposta era baseada em dar voz aos que somente serviam aos turistas e que sofriam com a sazonalidade da cidade praiana.

Iniciou-se então meu contato com professores que acreditam em um processo pedagógico inovador, do qual era possível formar um profissional com um olhar abrangente, ético de responsabilidade perante a sociedade.

Conforme seu Projeto Político Pedagógico (PPP), a referida universidade prevê a promoção da educação pública integrada, visando o desenvolvimento sustentável de toda a região litorânea do Paraná. Os estudantes devem ser formados de modo que possam contribuir na retomada do crescimento social e econômico regional.

Esta proposta está traduzida em uma organização curricular diferenciada. Ao invés de disciplinas, os estudantes cursam módulos, cuja estrutura é mais flexível e aberta a atender as demandas de cada turma. As atividades de Integração Cultural e Humanística e os Projetos de Aprendizagem completam o currículo. Sendo assim, são três os grandes eixos de aprendizagem: Fundamentos Teóricos Práticos (FTP); Projetos de Aprendizagem (PAs); Interações Culturais e Humanísticas (ICH).

Todo o senso crítico inicial referenciou-se na *“formação discente pautada na crítica, na investigação, na pro-atividade e na ética, capaz de transformar a realidade”*. (P.P.P UFPR Litoral, 2008, p.11).

A aproximação com o eixo pedagógico Projeto de Aprendizagem, que permite que os indivíduos construam suas pesquisas e seu conhecimento de maneira integrada percebendo criticamente a realidade, no qual o estudante alia o aprofundamento metodológico e científico à preparação para o exercício

profissional, desenvolvendo habilidades de auto-organização e produtividade me proporcionou os primeiros passos de autonomia da aprendizagem.

Já nos fundamentos teóricos e práticos, tive a primeira oportunidade como aluna de saber que eu tinha o direito de falar. Que deveria falar e me expressar, participar das decisões. Recordo-me que tivemos que aprender a exercer a democracia; aprender a respeitar a ordem de falas em coletivo, mesmo quando o assunto era extremamente polêmico. Tivemos que aprender a argumentar nos primeiros seis meses de curso, o que de fato passamos uma vida inteira escolar sem saber e poder fazer.

Tudo foi muito desafiador, e o desafio me instigava. Gostava tanto que me tornei muito falante. Sou muito feliz em poder olhar para trás e ver que tive a oportunidade de passar pelos períodos de falar e contribuir muito para um período mais sábio (atual) de desejar muito ouvir o outro e aprender com ele (*o difícil facilitário do verbo ouvir*).

Conhecer o Projeto Político Pedagógico (P.P.P) da UFPR Litoral foi o cordão umbilical para que eu me aproximasse da escola em que estudei e analisasse a estrutura escolar, pois se era possível uma Universalidade ter um P.P.P diferenciado e que sempre era referenciado, queria eu saber porque nas escolas públicas nem ouvíamos falar sobre P.P.P. Escolhi como tema de projeto *A análise do Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Profº Joaquim da Silva Mafra*, que teve como objetivo analisar se os alunos do referido colégio possuíam conhecimento sobre o Projeto Político Pedagógico de sua escola, para poder trabalhar uma temática de diálogo sobre o P.P.P. e sua importância.

Neste diagnóstico inicial, através da aplicação de questionários, pude comprovar que os 95% dos alunos não possuíam conhecimento sobre o que era o P.P.P da escola, embora na teoria de elaboração do P.P.P fosse necessário à participação dos alunos, pais e comunidade. Para além, obtive conhecimento sobre a parte de orçamento e administração das escolas estaduais, relacionando então aquelas indagações que fazia quanto à falta de papel nos banheiros, manutenção do mesmo, até a aparência da escola.

Com o resultado de algumas indagações iniciais, logo fui adicionando objetivos ao projeto a fim de compreender o modelo de educação, surgindo

assim mais norteamentos para a pesquisa que estabeleci (mesmo que de forma ingênua) da seguinte forma:

Com base na LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as Leis de diretrizes e bases da educação nacional - LDB venho discutir a atual situação da Educação Pública, direito de todo o cidadão de nosso país, ofertada na Rede de Ensino Gratuito.

Analisando o predominante método de ensino atual na rede pública, e discordando do modo de implantação de algumas diretrizes pedagógicas e do não cumprimento das diretrizes do Projeto Político Pedagógico obrigatório na rede de escolas públicas, trago neste projeto pontos crítico sobre esse tema. Tendo em vista a Educação Pública, com resultados não satisfatórios, como por exemplo, o baixo nível de aprendizagem, a dispersão e fragmentação do conhecimento, a falta de conectividade com a realidade do aluno e com o meio ao qual se está inserido, a falta de autonomia, entre outras, através de metodologias que não demonstram os resultados esperados, falta de formação continuada dos professores, convívio com problemas sociais, descaso governamental, falta de investimento na estrutura e nos profissionais da educação.

A rede de ensino gratuita que é responsável pela maior parte da alfabetização dos brasileiros, porém, sem investimentos e qualificação adequada, também se torna responsável pelo alto índice da evasão escolar e pelos baixos índices da educação. Com base teórica e como pesquisa de campo o Colégio Estadual Joaquim da Silva Mafra localizado no bairro Cohapar na cidade de Guaratuba-Pr, inicio meu Projeto em busca de algumas respostas aos métodos de ensino das escolas públicas que estão diretamente possibilitando a evasão dos brasileiros das escolas. (MELLO, 2009, grifo nosso).

Parti então para análise de metodologias, pois minha sede de encontrar algo novo era grande, acreditava que a cultura precisava estar presente na aprendizagem:

Por analisar que a escola atual trabalha com conteúdos gerais de aprendizagem muito distantes da realidade dos alunos, tenho por objetivo estudar metodologias de ensino que proporcionem um envolvimento e análise da história e cultura dos estudantes, regionalizando assim a escola. Acredito e defendo que o aluno aprendendo a realizar uma análise de conjuntura sobre sua cultura, sua cidade, e/ou local em que está inserido como sujeito no mundo, consegue ter uma abrangência maior sobre como se posicionar em relação a situações globais, e melhor compreender as sociedades. Esta proposta de Projeto de Aprendizagem surge embasada pela fala de Paulo Freire - Livro Pedagogia do Oprimido 1995:12-13: "Aprender na comunidade, com ela e para ela, significa usar a história de sua própria região, exteriorizando a cultura do silêncio. Significa aprender a engajar-se na sua própria região, tornando-se consciente da situação sócio política, lutando para que as sociedades fechadas sejam transformadas em sociedades abertas.. é uma questão de urgência que as escolas se tornem menos fechados, menos elitistas, menos autoritárias, menos distanciadas da população em geral. Isso

é para a educação comunitária uma questão de fundamental importância." (MELLO, 2009, grifo nosso).

Foi entrelaçado com este projeto de aprendizagem, com os fundamentos teóricos e práticos trabalhados na metodologia de Projetos; as Interações Culturais e Humanísticas, que me pude interagir com outras licenciaturas, e fui moldando minha relação com a educação.

O curso Técnico em Orientação Comunitária foi uma experiência sem igual. Impossível de se repetir porque cada turma foi pensada e estabelecida de forma singular. Lembro-me das aulas iniciais, compostas por cerca de cinco educadores fantásticos (Angela Katuta, André Borges, Luiz Rogério, Valentim da Silva, Marcos Zan, entre outros que foram chegando durante o curso) que coletivamente planejavam e estudavam a prática pedagógica que iriam aplicar conosco: estudavam e dialogavam sobre os caminhos do Ensino por Projetos até mesmo em sala de aula na nossa frente, quando precisavam rever esses caminhos que o *“barco” estava tomando, alinhando assim a vela.*

Com um ano e meio de curso, pude relacionar que toda a pedagogia aplicada por esses professores era totalmente pautada nos ensinamentos e livros de Paulo Freire. Ao começar a ler as obras do referido autor, pude concomitantemente visualizar a prática vivida em sala de aula. Tivemos contato com fantásticas leituras como *“O ato de Ler”* do mencionado autor, e logo corri me achar na *Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Autonomia* etc.

No ano final do curso, recordo-me de módulos que foram ministrados em sua maioria pelo Prof. André Borges, dos quais podíamos responder a pergunta: *O que vocês querem estudar nesse semestre?* Precisamos ser autônomos do objetivo de estudo, relacionando a autonomia de escolha com os entrelaçamentos do curso. Hoje me pergunto quando terei essa oportunidade novamente? Nunca mais a tive desde o T.O.C (sigla de Técnico em Orientação Comunitária), mas acredito que poderei como educadora proporcionar essa experiência aos meus alunos.

Cada aula se desenvolvia de forma tão especial, intensa, acolhedora, que um fato completamente complexo aconteceu. Em um módulo específico que tratávamos das realidades do abuso sexual em sociedade, comunidade, na família, conseguimos atingir um nível de entrega e solidariedade tão grande

que uma de minhas melhores amigas abriu-se no coletivo e contou-nos uma experiência da qual ela nunca conseguiu falar com ninguém: o abuso sexual que sofreu durante a infância dentro da sua casa. A partir daquele momento, e naquele momento, não éramos apenas colegas de curso. Nossa ligação como comunidade escolar configurou-se intensa. Aprendi o quanto estabelecer relações em sala de aula pode mudar-nos como pessoa, fazendo-nos amadurecer com as causas do outro, respeitando e compreendendo situações, aprendendo a lidar com elas para superá-las e crescer. Tenho certeza que nenhuma teoria me ensinaria melhor do que essa experiência vivida e sentida.

Formar-me em técnico em orientação comunitária me exigiu educar-me todos os dias. Educar-me ao chegar a uma nova comunidade; ao conhecer culturas diferentes; a enxergar a realidade local realizando o exercício de reanálise, e cumprir com o maior objetivo de ser orientador comunitário: para além de solucionar problemas imediatos, envolver as pessoas com seus próprios problemas, tentando ajudar a solucionar esses problemas em suas comunidades, bairros, organizações.

Sou feliz por ter tido a oportunidade de ter vivenciado a faculdade já no ensino médio com o T.O.C. O aprendizado sobre democracia e respeito foram intensos; contatos com leituras riquíssimas como análise de conjuntura: teoria e método de José Eustáquio Diniz Alves; participações nas câmaras do curso; monitoria; participação dos antigos conselhos; comunidade; moldaram e nos constituíram pessoas críticas, além do amadurecimento pessoal.

A interferência no meio da sociedade que vivemos nos transforma, pois quem não se envolve não se desenvolve. Para além, Segundo Paulo Freire (1968), *ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo*.

No ano de 2012 tive certeza de que minha graduação seria em Licenciatura. Dentre as ofertadas pela UFPR Litoral, optei em cursar Linguagem e Comunicação. O curso centra-se na formação do professor em uma perspectiva que integra os conhecimentos específicos da área de linguagem com os conhecimentos da área da educação. Além disso, oportuniza o desenvolvimento da capacidade de compreender e utilizar as diferentes tecnologias educacionais de maneira ética e crítica. O curso tem

como objetivo formar um sujeito ciente de sua ação educativa na sociedade, capaz de interferir nas questões educacionais de seu país, estado e município. Para isso, oferece condições de reflexão sobre a complexidade educacional brasileira, assim como sobre as relações de poder que perpassam a linguagem. Dessa forma, lança um olhar crítico nas perspectivas teóricas adotadas nas investigações linguísticas e literárias que fundamentam a formação profissional.

Fez-se então, o contato diário com a educação, suas diretrizes, e em especial, os estágios proporcionaram o contato físico com a escola, pois realizar o estágio supervisionado é observar o contexto da escola, compreender suas dimensões, e ser inserido neste processo. Nesse eixo curricular é possível compreender a dialética Freireana, pois, o estágio traz essa mutualidade, no qual os que ensinam e aprendem são sujeitos de um processo de formação, criação, dedicação e aplicação. Essa prática norteia o discente do início da faculdade até o resto de sua vida profissional.

Realizar o estágio supervisionado é se comprometer com o espaço escolar. Esse espaço além de profissional é humano, visa à atuação para e com a educação de qualidade, e o comprometimento com os alunos.

Presenciar, observar e atuar em sala de aula é uma tarefa que exige dedicação. É neste momento privilegiado que o discente reflete sobre o que é ser professor ou educador, sobre a função da escola na atualidade, e também sobre os contextos sociais, culturais e organizacionais da educação. Conforme os requisitos básicos do educador, elaborados por INCONTRI (2004, p.52):

A capacidade para educar, entretanto, está muito além dos conhecimentos técnicos adquiridos num curso de Pedagogia. Ser educador é muito mais do que ser professor. Para ser educador, não basta conhecer teorias, aplicar metodologias, é preciso uma predisposição interna, uma compreensão mais ampla da vida, um esforço sincero em promover a própria autoeducação, pois o educador verdadeiro é aquele que antes de falar, exemplifica; antes de teorizar, sente e antes de ser profissional é um ser humano.

Mostrar a função social da aprendizagem sempre foi meu norte. Para tanto, sou ciente que sempre será necessário buscar inovações pedagógicas, ideologias, práticas docentes e apoio teórico de pensadores da educação e

teóricos do ensino da Língua Portuguesa como alternativas para uma nova educação.

Para além de todos os VII estágios, o estágio supervisionado III ficou marcado em minha vida, pois foi a partir dele que se iniciou o contato com a docência. Os anteriores eram de reconhecimento do sistema educacional como um todo e visitas de observação.

A experiência do Estágio III foi à caracterização e desenvolvimento de projeto temático em nível de educação básica (ensino regular ou EJA), relacionando os conteúdos específicos do curso com um dos seguintes temas: educação do campo, educação indígena, educação especial, relações étnico-raciais, relações de gênero e diversidade sexual. Decidi então aplica-lo no colégio estadual que sempre estudei (Joaquim da Silva Mafra). Fui muito bem acolhida pela pedagoga Odete.

Optei pelo tema *relações étnico-raciais*, e norteiei o trabalho pelos conceitos sobre Raça e Etnia.

Meu projeto de estágio foi fundamentado pelos objetivos de diminuir preconceitos e atos de violência; trabalhar em coletivo para negar toda a discriminação baseada em diferenças de raça, etnia, classe social e outras características individuais da sociedade; valorizar e respeitar as diversas etnias presentes na constituição do Brasil, como nação, reconhecendo sua contribuição no processo da construção da identidade; e reforçar a noção de que preconceito racial é crime.

A aplicação aconteceu no Colégio Estadual Joaquim da Silva Mafra, na cidade de Guaratuba, na turma do 3ºC do ensino médio noturno. A turma era composta por dez alunos. Dentre eles quatro meninas e seis meninos. Uma característica geral dos alunos é que quase todos eram trabalhadores.

Neste estágio, para além da observação necessária para a caracterização da turma, surgiram dois novos compromissos. O primeiro foi criar um projeto de aplicação, que exigiu justificativa e fundamentação teórica, metodologia, seleção de atividades relacionadas à temática, seleção de atividades relacionadas à área da Língua Portuguesa, e Cronograma. O segundo foi refletir sobre a ação educativa em sala de aula.

Pude concluir na prática que entrar em sala de aula não é apenas depositar conhecimentos nos alunos e eles arquivarem esses conhecimentos, e toda a ação educativa se inicia pela relação entre o professor e aluno.

Nesse sentido, o mesmo autor (2007, p. 86), em sua obra intitulada “*Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática docente*”, explica:

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer.

No primeiro dia, me apresentei aos alunos explicando as atividades que pretendia realizar, bem como a quantidade de aulas que iria trabalhar junto com eles.

Para as aplicações das aulas, utilizei do projetor para trabalhar com diferentes meios de informação (vídeo, som, slides) e textos em forma física. Inicialmente, procurei instigá-los sobre o que sabiam dos conceitos de RAÇA e ETNIA.

Partindo desse questionamento, listei no quadro os possíveis conceitos dados pelos alunos. Desta forma pude obter uma superficial visão de mundo e posicionamento dos alunos mediante suas falas sobre os temas.

Distribuí para cada aluno diferentes conceitos de RAÇA e ETNIA, conceitos esses que se complementavam com objetivo de introduzir os temas.

Em seguida, realizamos a atividade de ler o poema do *Navio Negreiro* de Castro Alves, acompanhado do vídeo que narra e apresenta imagens do mesmo. Essa atividade teve como objetivo introduzir a importância do autor Castro Alves para a conjuntura da história dos negros escravos trazidos para o Brasil, bem como relacionar sua obra à literatura. Realizada essa atividade, fizemos um levantamento das questões que o poema trazia sobre raça, etnia, escravidão, origem, maus tratos, sofrimento, dominação. Observamos também a linguagem do poema.

Realizamos a leitura em voz alta dos poemas *Diversidade Cultural* e *Conversa*, na qual cada aluno leu uma estrofe. Analisamos os autores, as

linguagens dos poemas, a conjuntura em que foi escrito e o que poderíamos retirar de informação para a análise dos temas raça e etnia. No intervalo de cada leitura estabelecíamos partes retiradas dos poemas como “Todos iguais, todos diferentes” para analisar a Diversidade Cultural.

É importante registrar que este título “Todos Iguais, Todos diferentes” implicou em uma dificuldade de compreensão para os alunos. Como didática, pedi para que uma aluna se levantasse e ficasse ao meu lado para caracterizarmos nossas igualdades e diferenças, bem como estabelecer igualdade e diferença mediante a um contexto, perante a lei, perante a sociedade, perante o meio social, econômico, racial, étnico, aspectos biológicos etc.

Ao conversamos sobre a língua de um povo, a Língua Portuguesa, a literatura, a poesia e o texto, surgiu à questão da dificuldade que os alunos possuem para escrever. Aproveitando este ‘gancho’ pedi para que uma aluna fosse ao quadro e mediante todas as informações recebidas até aquele momento, fizéssemos um texto coletivo. Este processo de criação de texto foi muito bacana, pois ajudou a sistematizar as informações recebidas e exigiu do aluno a compreensão dos temas para reproduzi-los no texto.

Dando continuidade ao andamento da proposta do projeto assistimos ao Minidocumentário *Zumbi dos Palmares*, para entendermos as características das resistências negras no período da escravidão, bem como a importância de Zumbi dos Palmares para esse movimento. Como resultado da atividade, conversamos sobre o dia da Consciência Negra, o qual é uma homenagem ao guerreiro Zumbi dos Palmares.

Realizando uma análise das informações e discussões, **surgiram relatos pessoais de alunos sobre raça, racismo, discriminação e situações de racismos enfrentadas no dia a dia.**

Para encerrar o primeiro dia de aplicação do projeto, pedi para que os alunos pesquisassem sobre conquistas sociais dos negros no Brasil e direitos que os mesmo adquiriram desde a abolição da escravatura.

Uma semana após a primeira aplicação do projeto, retornei a sala de aula com os alunos do 3º ano noturno do ensino médio. Para as atividades em sala utilizei do reprodutor e textos físicos.

Conforme encaminhamento da aula anterior pedi aos alunos que apresentassem as pesquisas sobre conquistas dos negros desde a abolição. Infelizmente nenhum aluno trouxe a pesquisa. Munida sobre esse risco, apresentei uma relação de conquistas negras, bem como organizações, secretarias, conselhos nacionais que trabalham em prol da igualdade social. Apresentei aos alunos uma cópia da Lei Aurea assinada pela princesa Isabel.

Em continuidade das atividades, lemos parte do artigo sobre o intelectual Clóvis Moura, o qual refletiu sobre a questão do negro na formação da nação. Esta leitura proporcionou analisar o escravismo social sobre duas realidades sociais do país: uma arcaica na qual predominava o escravismo e uma moderna de ordem capitalista, onde ambas traziam o arcaísmo das relações sociais.

Em continuidade ouvimos o áudio do conto Minha Rainha que abriu uma análise sobre o termo “embranquecimento”, e assistimos ao vídeo Racismo desta Criança, que além de apresentar atos de racismos reproduzidos de forma consciente e inconsciente por pessoas desde crianças, trouxe relatos de situações rotineiras em que o racismo acontece. Este vídeo trouxe importantes informações atuais como o número de negros nas que chegam á universidade. Para trabalhar com situações de racismo e como se estabelecem, apresentei aos alunos casos de racismo atuais que ganharam reflexo da mídia: Jogador Aranha; Michael Brown; Jogador Daniel Alves; Trabalhadores Haitianos em Curitiba; Acadêmica de direito Celina Lucia.

Para encerrar as atividades do 2º dia de aplicação, os alunos produziram um texto dissertativo argumentativo sobre os temas Raça e Etnia com base nas atividades trabalhadas.

Assistimos ao vídeo exibido no programa *Fantástico*, que apresentou diferentes mensagens de diferentes pessoas aderindo à campanha “Diga não ao racismo”.

Propus aos alunos que criássemos um vídeo semelhante ao referenciado acima, como produto final e material produzido pelo 3º C noturno para o dia da Consciência Negra, de fato eles amaram utilizar dos seus celulares em sala de aula (o que foi uma exceção a regra que possuíam de não mexer no celular).

Trabalhar com os temas transversais *Raça e Etnia* me proporcionou atuar no campo da interdisciplinaridade norteadas pela disciplina do português.

Os resultados foram fantásticos, a interação e o diálogo com os alunos foram incríveis, e para além, fui convidada pela pedagoga Odete para apresentar a metodologia aplicada para todos os professores do colégio no dia da semana pedagógica. A sensação foi única: apresentar meu trabalho e resultado como educadora a todos aqueles professores que em sua maioria foram meus professores. Com ênfase na questão do relacionamento professor/aluno. Quebrando com meu exemplo inúmeros paradigmas.

Desde o Estágio III até os últimos, comecei a analisar criticamente os passos que tomava em sala de aula. Comecei a me questionar se o que já havia feito se tratava de uma didática “velha” revestida de uma “nova roupagem”. E me deparava com questionamentos sobre os caminhos para uma nova concepção de educação, em colégios totalmente tradicionais, com um pontual agravante: era uma mera estagiária.

Comecei a perceber que um educador em busca de novos significados para educação pode fazer grande diferença em sala de aula, mas que esses processos de concepção e ressignificações de uma nova educação precisam englobar todo o colégio. Em algumas palestras de José Pacheco que tive o privilégio de assistir, uma frase me marcou na qual ele dizia “*se uma escola tiver dois a três professores que desejam mudanças na estrutura educacional e no seu colégio, isso é possível de acontecer*”. Reforçando o que Paulo Freire sempre destacou: um projeto de mudança de uma escola precisa de fato ser coletivo. Assim, para além do compromisso de proporcionar aulas significativas para meus alunos, da porta pra dentro da minha sala de aula, percebi que o compromisso com a escola era muito maior.

Foram inúmeros os entrelaçamentos que vivi durante os quatro anos de graduação entre as Interações Culturais e Humanísticas e o Projeto de Aprendizagem. Alternei diversas vezes o Projeto de Aprendizagem em busca de encontrar maior sentido para a educação e para minhas práticas docentes.

Parti para a análise da História de Vida com o tema *Aprendendo com a própria História* pautando sua importância na ligação entre gênero textual, comunidade, reconhecimento do sujeito, entrelaçamento entre aluno e

professor. Também caminhei para o campo de estudar a Curiosidade Epistemológica pautada por Paulo Freire que nos orientava a compreender que:

“A construção ou produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distancia” do objeto, de observa-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar.” (Freire, 2011 pg. 83,).

Esse processo de estabelecer tantos objetos de estudos foram sempre movidos pelas frases de Freire que diziam *Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina?* (Freire, 2011, pg.32.), e, *Por que não estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e as experiência social que eles têm como indivíduos?* (Freire, 2011, pg.32.). A cada leitura, Freire me deixava cada vez mais sonhadora, não sabia como estabelecer e quando iria estabelecer ações assim, mas sabia que poderia me apoiar em um grande escritor da educação.

Confesso que, mesmo escolhendo uma professora fantástica como mediadora do Projeto de Aprendizagem, na maioria das vezes, meu projeto não era compreendido. Na realidade, hoje entendo que ele foi se moldando conforme eu ia lendo e conhecendo Paulo Freire e teorias de diferentes educadores, juntava tudo isso com as inquietações que tive na escola, e queria de alguma forma criar um material de estudo. Acredito que não consegui um bom apoio e orientação dos professores que me rodeavam na época no curso de Linguagem e Comunicação. Neste período me sentia um pouco perdida quanto a minha necessidade de falar sobre novas concepções de educação. Talvez me faltasse um grupo de pessoas que tivessem esses mesmo interesses e indagações.

O lado positivo do Projeto de Aprendizagem é que mesmo quando não se é muito compreendido, podemos seguir igual com o projeto e desejo de estudo, pautados no direito de autonomia da linha de pesquisa que o aluno tem.

O mais rico da experiência de fazer um projeto de aprendizagem é perceber quantas voltas e significados o tema vai ganhando, vai alternando-se

à medida que a pesquisa vai se aprofundando. No final saímos uma profissional e humano extremamente realizado em trilhar cada etapa e crescer com elas.

Nos demais entrelaçamentos de aprendizagens, tive a oportunidade de ser monitora de uma Interação Cultural e Humanística (I.C.H) denominada História Oral. Nosso grupo de trabalho teve como objetivo registrar a história do Litoral do Paraná (especificamente dos municípios de Matinhos, Guaratuba, Paranaguá e Pontal do Paraná) a partir da metodologia da História Oral.

Segundo o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil a história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea.

Logo relatei essa experiência com uma das críticas que sempre fiz a escola quando me perguntava “porque temos que ficar estudando histórias tão desconectadas das nossas, como por exemplo, história antiga de países que nem conseguimos imaginar como são, e deixamos nossa história de lado”.

Essa minha indignação me fez trabalhar com mais afinco no registro da história dos municípios aos redores os quais nunca foram registrados em livros e que nos fazem compreender e reviver a cultural local. Quem dera esse material pudesse ser reconhecido e trabalhado pelas escolas locais. Claro que para tanto, o curso de Linguagem e Comunicação deveria reconhecer essa importância e criar uma espécie de “material didático pensado” para propor como opção aos alunos de linguagem em suas experiências de estágio, o que demandaria um projeto e etc. Naquela época fiquei sabendo pela minha colega Tamara Domiciano que o Curso de Licenciatura em Ciências estava criando em determinadas turmas esses tipos de material didático relacionado com a realidade local.

Quanto a I.C.H História Oral, Cumprimos nosso objetivo realizando entrevistas através do método da História Oral com pessoas nascidas entre 1930 a 1950, um representante de cada cidade.

Trabalhar como monitora foi uma soma positiva de conhecimentos para minha formação como Educadora. Revelou-me experiências de sala de

aula, como lidar com um coletivo de pessoas; os desafios para alcance dos objetivos; a dedicação ao projeto de trabalho; a satisfação em ajudar e colaborar com o coletivo; a compreensão e análise do tempo de aprendizagem de cada sujeito.

Por fim, como trabalho de conclusão de curso de Linguagem e Comunicação dissertei sobre **Concepção de linguagem e seus efeitos na prática do ensino da Língua Portuguesa: produção textual como um processo**, o qual teve como objetivo demonstrar que a concepção que o professor tem de linguagem pode informar determinada prática escolar de ensino da língua portuguesa refletindo-se nas operações de competência de escrita. Torna-se essencial que o professor tenha ciência da opção de concepção que possui de educação, de língua e dos posicionamentos que defende. Nesse sentido, defendi que a linguagem é uma forma de interação e/ou prática social, e para cumprir com seu papel social, o processo de aprendizagem deve ser um ato de reflexão crítica sobre a linguagem. Toda produção por parte dos alunos deve ser um processo que faça sentido, tenha significados, e não meramente um produto a ser entregue.

No final do ano de 2016, logo depois de formada em Licenciatura em Linguagem e Comunicação, fiquei sabendo da pós-graduação em Questão Social e Interdisciplinar oferecida pela UFPR – Litoral. Esta pós-graduação teve um coletivo formado por diferentes profissionais sendo uma maioria de Assistentes Sociais e outros profissionais afins como professores.

Durante um ano de aprendizagens, tivemos diferentes abordagens e análises da sociedade como um todo (saúde, educação, trabalho, meio ambiente). Foram vários os professores que tivemos a oportunidade de conhecer e diferentes abordagens para compreendê-la.

Contudo, o módulo que mais teve significado foi o de *O despertar e a caminhada dos EDUCADORES na sociedade contemporânea - Metodologia do Ensino*, ministrado pelo Educador Valdo J. Cavallet, pois nele aprendi o exercício de refletir sobre o aprendizado, os textos, os vídeos e as abordagens nos exigiam uma correlação dos nossos conhecimentos já adquiridos pela caminhada humana para com a nova aprendizagem, ou seja, para agregar

sentido com a nova abordagem, olhando para si e criando novas aprendizagens cognitivas.

No final de 2017, tive a oportunidade de conhecer a ANE – Especialização em Alternativas para uma Nova Educação<sup>2</sup> – UFPR Litoral, percebi que essas inquietações e análises sobre ação/educação se discutidas em um coletivo no qual os objetivos pautam a busca de alternativas para uma nova educação criam laços extraordinários. Afirmo quão grande é a importância de discussões em grupo de educadores para o alcance de objetivos na educação. Minha aproximação com este grupo é ainda pequenina demais, mas pretendo aumentá-la.

#### **4 CONHECENDO PAULO FREIRE E JOSÉ PACHEGO**

Sobre Paulo Freire, o Patrono da Educação, foram às sensações de aprendizagem que me fizeram conhecê-lo. Como já relatei em alguns momentos deste trabalho, pude conhecer algumas de suas teorias na prática, através do Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral, e práticas que se iniciaram lá no Curso Técnico em Orientação Comunitária. Tudo foi tão prazeroso que também busquei conhecê-lo mais a fundo em seus livros e cresci tanto cognitivamente quanto afetuosamente, pois a afeto esta sempre presente em seus ensinamentos.

Com certeza eu sou um pequeno grão de areia que compõe o sertão de pessoas que o admiram e que praticam suas teorias. Essas sensações me fazem perceber a tamanha bondade que possuía esse homem e, que grande compromisso tinha com os oprimidos de todo o mundo: apresentava-lhes a educação como uma ferramenta essencial para intervir no mundo.

---

<sup>2</sup> Curso de pós-graduação em nível de especialização em Alternativas para uma Nova Educação. Reuni educadores de diferentes regiões que possuem como objetivo conhecer, discutir, analisar e agir através de projetos que acentuem Alternativas para uma Nova Educação forma e não formal.

Imagino Quão prazer sentia este educador em ensinar o pedreiro a escrever a palavra tijolo, e quão satisfação sentia em saber que a aprendizagem fazia sentido. Foi grande contribuição que deixou para o desenvolvimento da educação no Brasil.

Muito prazeroso é saber que ele deixou exemplares seguidores como Moacir Gadotti entre outros, também a Fundação do Instituto Paulo Freire: um espaço na busca de novas teorias e práticas educacionais.

Já José Pacheco, tive o prazer de conhecer pessoalmente. Foram várias as palestras que assisti, pois se fez amigo da UFPR-Litoral, do Brasil, e compartilha na prática suas experiências inovadoras de educação como no Projeto Ancora através da comunidade de aprendizagem<sup>3</sup>.

A Escola da Ponte é um marco inicial no que se refere a conhecer novas práticas de educação. Ela foi minha primeira referência na procura de novas práticas pedagógicas.

Vejo José Pacheco como um grande aliado para a educação emancipatória. Cada gesto dele nos educa, a afetividade também esta presente em seus ensinamentos. Recordo-me que em umas das suas palestras em uma enorme tenda lotada de professores, ao se apresentar, o mesmo esperava pelo silêncio para começar o papo, e em momento algum se fez vaidoso, disse-nos: *não vos atrapalharei pedindo por silêncio, pois tenho certeza que na junção de tantos professores os assuntos devem ser de incríveis para os mais extraordinários*. Puxou assim a atenção de todos os que lhe esperavam para ouvir dele as experiências (Recepção de amor).

São vários os outros educadores que admiro. Não apenas os que representam de forma nacional e internacional as novas alternativas de educação, mas muitos são os que convivi durante minha trajetória. Para além de educadores, aprendemos e nos educamos com pessoas da comunidade,

---

<sup>3</sup> Associação Civil beneficente, filantrópica, educativa e cultural, de fins não econômicos e não lucrativos, fundada em 23 de setembro de 1995. Entende que a educação é a maneira mais potente de promover o Desenvolvimento Social e por meio dela formamos Comunidades de Aprendizagem. O Projeto Ancora inaugurou uma escola de ensino fundamental com uma inovadora filosofia educacional, inspirada na Escola da Ponte de Portugal, implantando um modelo organizacional de gestão democrática e uma reorganização das estruturas educativas tradicionais.

amigos em comum e aqueles de sala de aula que possuem a educação como objetivo de estudo e profissão.

## **5 SUPREENDER-SE: PROJETOS EDUCACIONAIS DE ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO.**

Juntamente com um grupo da Especialização em Alternativas para uma nova educação, tive a oportunidade de conhecer dois projetos educacionais. Estas visitas foram propostas por integrantes da especialização e também pelo trabalho “em redes” que é o compartilhamento de experiências e projetos educacionais via Redes Sociais adotado pelo coletivo da referida Pós-graduação.

### 5.1 Escola Municipal Antônio Coelho Ramalho

A primeira visita tratou-se da **Escola Antônio Coelho Ramalho** localizada na cidade de Ibiuna – SP. Uma escola de ensino fundamental pensada e idealizada pela Educadora Mila Zeiner que marca suas falas pela frase *Ressignificar<sup>4</sup> a escola é possível!*

Mila dedicou-se a criação de um Projeto Político Pedagógico no qual não faz divisão de séries. As turmas são compostas por alunos que mesclam do 3º ao 5º ano. Estudam por linha de pesquisa que resultam em planos de estudos.

No dia em que realizamos a visita haviam grupos de estudos destinados a *Segurança do Trabalho* e outro ao *Reconhecimento de uma Árvore nativa do bairro*. Todo a linha de pesquisa é orientada pelas professoras que acompanham as turmas, e o processo vai da pesquisa em sala de aula até visitas de campo em busca de atender as demandas dos projetos.

Para além da sala de aula, foi perceptível a autonomia que esta escola atribui aos seus alunos. Em conversa com alguns alunos, fui surpreendida com o exercício de democracia que eles expressaram. Frases como “a escola significa muito amor”, “antes a escola era pintura, agora é projeto” descrevem a

---

<sup>4</sup> Resignificar é um verbo transitivo que caracteriza a ação de atribuir um novo significado a algo ou alguém

significação que essas crianças possuem sobre sua escola e sobre o quanto são sujeitos da aprendizagem.

Para além da escola, Mila criou um grupo de estudos formado por professores idealistas de Ibiúna que vem se reunindo mensalmente com intensa dedicação, ousadia e notório amor para contribuir efetivamente com a melhoria do ensino por meio da promoção da Educação Integral e democrática. Ela ressalta que “Nossos encontros mostram possibilidades para essas novas ideias, ou melhor, como transformar essas ideias em ações. Todos os dias temos novos desafios e precisamos o tempo todo estar atentos para com novas ações”.

Mila destaca que os enfrentamentos para conseguir uma autonomia para seu projeto foram muitos e ainda acontecem. As relações com os representantes públicos como o Secretário de Educação do Município e a Secretaria pauta-se em uma delicada negociação. Mas garante que é preciso se auto reafirmar sempre, expressar seus objetivos e estar sempre lidando com o fato de provar seus avanços, provar os resultados eficazes da inovação.

Conhecer escolas com projetos educacionais que ousam a busca pela inovação e por concepções de uma nova educação é para além de uma relação de prazer. Estas visitas fortalecem e reafirmam o trabalho e dedicação dos agentes de transformação, como no caso da Mila. Para além de reafirmarem as análises e estudos dos que a conhecem, daqueles educadores que possuem dentro de si desejos de novas alternativas para a educação.

Essa escolinha pequena, sem muitos recursos financeiros, prova que as inovações educacionais são possíveis e que os resultados são surpreendentes. As sensações que registro sobre o dia que passamos nesta escola são de intensa receptividade, alegria, amor, dedicação, pureza e realização.

**5.2 Heliópolis, Bairro Educador; CEU - Centro Educacional Unificado; Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) Campos Salles.**

*“Primeiro princípio: temos de precisar ser fortes: senão nunca nos tornamos fortes” (Nietzsche, Crepúsculo dos Ídolos).*

Conhecer o conjunto educacional Heliópolis, composto pelo Bairro Educador, Centro Educacional Unificado e Escola Campos Salles foi de um privilégio tão grande que de fato provou-me a constituição prática de uma nova educação pensada e projetada através de muita luta com o intuito de desenvolver socialmente um bairro, uma comunidade, e saber que isso é possível através da educação.

Heliópolis é um bairro caracterizado por ser uma favela, localizado na cidade de São Paulo. Contudo é retomado historicamente pela população ativa que de forma organizada reivindicam melhorias dos serviços públicos de saúde, educação e moradia. Esta forte característica do bairro, fez com que em 1990 a comunidade se aproximasse da Escola Campo Salles (sediada no bairro), a qual por estratégias de mobilizações conseguiu criar uma nova relação entre os moradores de Heliópolis e a educação.

Com esta aproximação, a comunidade passou a participar ativamente da construção e monitoramento do projeto político pedagógico da EMEF Campos Salles por meio de comissões formadas pelos movimentos sociais e pais de alunos, atuando tanto na estrutura física da escola, quanto impulsionando, por exemplo, espaços para o acesso à cultura e ao esporte.

Braz Nogueira, professor daquela época e hoje atual diretor da escola, baseou-se no exemplo da Escola da Ponte de Portugal para propor a sua comunidade mudanças significativas no Projeto Político Pedagógico da Campo Salles.

Inicialmente começaram a derrubar algumas paredes que dividiam as salas. Para tanto, contou com a mão de obra de mestres de obras moradores do bairro, e conseqüentemente com o próprio orçamento da escola.

Também assegurou aos envolvidos que a mudança seria radical, mas que os ganhos seriam processuais. Assim, era preciso que todos estivessem envolvidos e juntos para que criassem um modelo que funcionasse para a comunidade e que, aos poucos, todos aprendessem com o que estavam desenvolvendo. Este projeto contou com o incentivo da família e de lideranças comunitárias.

Muito se evoluiu na organização das aulas, além de aulas tradicionais, os alunos começaram a trabalhar por roteiros de estudo, e as aulas eram orientadas por mais de um professor. O trabalho se dava ora individual ora em grupo.

Para além de tudo isso, a escola começou a atuar em parceria com outros espaços educativos do bairro, como os Centro da Criança e do Adolescente (CCAs), as comissões e associações de moradores, reunidas na União de Núcleos, Associações e Sociedade de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco (UNAS), a rádio comunitária local, e, se tornando referência aos estudantes como um espaço que podiam frequentar não só para estudar.

Na mesa redonda de Gestão Democrática: avanços e desafios na autonomia da escola, a qual participei no VII Seminário Heliópolis bairro educador, recebi alguns ensinamentos do Educador Braz que me marcaram extremamente.

Respaldado pelas várias experiências que obtive na caminhada com o Campos Salles, declarou que é de extrema importância dar curso de cidadania aos pais dos alunos, chamando as lideranças da comunidade mostrando-lhes, analisando, criticando a realidade (bonita e feia), constituindo comissões para trabalhar em melhorias; Criar ações significativas que justifiquem a compreensão de que educação é um papel de toda a instituição escolar, da família e do governo; Estabelecer que as ideias que surgiam no coletivo devem virar princípios de ações significativas; Entender que autonomia é um processo de construção criada por laços e integrações, articulações, troca de relações sociais e processos de diálogos claros e honestos, para além, autonomia é processo.

Cedeu-nos dicas de como estreitar as relações com a Secretária de Educação e Secretário de Educação. Garante que é preciso que a escola que deseja apresentar um trabalho inovador mostre que ele é de vontade coletiva; que é responsável; que o processo de avaliação é alinhado, avaliando sempre a dimensão de aprendizagem do aluno; criar relações que possam abrir janelas de apoio e desenvolvimento, e por fim, demonstrar que a forma de fazer o diferente educa cidadãos capazes de fazer a diferença.

Todo o contexto da Escola Campos Salles e sua estrutura física - suas paredes que a cada espaço refletem atividades de alunos críticos e criativos, sonhadores e agentes de ações na comunidade -, encantaram meus olhos e mais uma vez reafirmaram práticas educacionais inovadoras são muito bem-sucedidas.

Das comissões dos moradores em conjunto com a Campos Salles, foi criada a União de Núcleos, Associações e Sociedade de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco (UNAS), que criaram a Caminhada da Paz que, desde 1999, reúne mais de dez mil moradores para celebrar a cultura de paz na comunidade e reivindicar políticas públicas.

Mais um fruto da união da Educação e Comunidade, foi o CEU Heliópolis Prof<sup>a</sup> Arlete Persoli que possui em sua estrutura: EMEF Presidente Campos Salles; EMEI Antonio Francisco Lisboa; ETEC Heliópolis. Três Centros de Educação Infantil – beneficiando cerca de 525 crianças de 0 a 3 anos e 11 meses; Espaço Multiuso - Teatro ou Cinema com estrutura para receber 120 pessoas; Ginásio Poliesportivo – Com infraestrutura em padrões oficiais de competição, proporcionando a realização de competições de Futsal, Vôlei, Handebol e Basquete; Biblioteca – Um prédio de três andares com grande acervo de livros, acesso a internet e atividades culturais; Torre da Cidadania - um prédio de cinco andares onde acontecerão aulas de dança, artes plásticas, culinária, artes marciais e cursos de capacitação profissional, nas mais diversas aéreas; Conta também com a UniCEU oferecendo cursos de graduação e pós-graduação gratuitos e à distância; FabLab - Laboratório de fabricação digital com impressoras 3D gratuitas

Toda a estrutura física do CEU Heliópolis e da Campos Salles são de encher os olhos. O VII Seminário Heliópolis Bairro educador, recebeu pessoas de diferentes locais, e proporcionou mesas de debates extraordinárias: A educação na Luta por Direitos: Como resistir?; Educação em tempos de golpe: a conjuntura política no Brasil e na América Latina; Os direitos das mulheres e a educação: como resistir ao contexto atual?; A juventude da Quebrada: qual a percepção da juventude periférica sobre o cenário político atual?; A educação e cultura como resistência estratégica de organização: por que há desmonte da cultura em épocas ditas de crise economia? Entre outras.

Muita identidade sobre a favela de Heliópolis, cultura local e educação marcaram cada mesa de discussão daquele seminário.

Toda essa estrutura educacional pensada, planejada e conquistada por lutas dessa comunidade e da educação, é capaz de nortear na prática muito do que pregou Paulo Freire, muito do que norteia José Pacheco, muito do que faz Tião Rocha e demais educadores sobre o aprender para e com a comunidade.

Conhecer Heliópolis, bem como a rapidamente a favela, maravilhou-me e deixou-me em estase. Sigo com as palavras proferidas por Braz e por representantes da comunidade, que acreditam que projetos educacionais como o de Heliópolis podem responder a compreensão de educação da qual diferentes processos formam um todo. A Escola, no futuro, será um centro comunitário. [...] A escola não se reduzirá a um lugar fixo murado. (Lauro de Oliveira Lima.

## **6 RESSIGNIFICAÇÕES E EMANCIPAÇÃO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO.**

Retomando a frase refletiva de Paulo Freire *Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo*, ressignifico meu processo de vivência, observando três momentos de educação vividos: a educação familiar, a educação formal recebida pela escola, e aquela que classifico como a emancipatória.

Esta terceira, é aquela que me constituiu como uma pessoa crítica, que busca o conhecimento para sanar inquietações, que me faz enfrentar essas inquietações em busca de ser uma educadora e não meramente uma professora. Uma educação que me faz olhar para o outro como maior respeito e sensibilidade, que me faz ter a necessidade de encontrar exemplos de educadores que possuem práticas significativas e que definem em ações os laços de uma prática educadora. Aquela educação emancipatória que trabalha o sujeito para que ele se reconheça, reconheça o mundo e interaja no mundo. Aquela educação que nunca para de se ressignificar e faz total sentido para a concepção desta “Tatiane” que sou, que estabelece e reestabelece concepções nesse processo de viver, ser e estar. Aquela educação que se forma e sempre continuará se formando através da colcha de retalhos dos

processos humanos vividos que me educaram e me educarão em minha trajetória.

A cada dia vou aumentando essa minha colcha de retalhos que define o processo educacional emancipatório e humano através de exemplos e avanços da educação formal e também não formal, reafirmando que a educação não se restringe a escolarização.

Sito o exemplo da educadora e historiadora Luana Tolentino (2018) que relatou em postagem para o site Carta Educação, *a importância da escuta e o reconhecimento da individualidade dos estudantes*<sup>5</sup>. Através da metodologia de diários pode conhecer de maneira singular seus alunos, *conheceu a Pedro\** que tinha sua educação familiar oferecida por um irmão na ausência da mãe que estava presa. Pedro não acompanhava as atividades, e o laço que esta educadora criou foi uma maneira de elevar a autoestima e fazer com que o Pedro\* tenha mais confiança. Reconheceu esta educadora que:

Posso questionar de maneira firme, porém, afetuosa, o motivo dele nem sempre estar com as atividades em dia. Nessa etapa da vida, o apoio, o acompanhamento da família são essenciais para que os alunos tenham um bom desempenho escolar, mas nem sempre é possível. Não sei por quanto tempo a mãe do Pedro\* ficará ausente. Quando eu era criança, vivia pedindo para a minha mãe me ensinar os deveres de casa. Ela se limitava a dizer que não podia. Não entendia o motivo dela agir daquela maneira. Só mais tarde descobri que a minha mãe não sabia ler nem escrever.

Se eu pudesse relatar aqui todos os exemplos e ações de educação que foram moldando minha trajetória, teria que utilizar de todas as folhas desse trabalho, e acredito que não seriam suficientes. Acredito que exemplifiquei o exemplo da educadora Luana Tolentino porque ele remete as características que mais me fascinam na arte da educação: o trabalho humano, o trabalho de valores, e a arte de responder aos resultados de uma sociedade ainda excludente; a arte de possibilitar vitórias e possibilidades de escolha ao ser humano que o leve a apropriar-se das forças que o constituem, tome parte no movimento de autossuperação em curso constantemente dentro de si, como afirmou Nietzsche (1974) a possibilidade de *tornar-te quem tu és*; policiando-se

---

<sup>5</sup><http://www.cartaeduacao.com.br/artigo/escuta-e-o-reconhecimento-da-individualidade-dos-estudantes/>

todos os dias para livra-se do egoísmo da *educação de produtos* que de forma unilateral propõem aos alunos ações de um produto final que não os proporciona ressignificações e crescimento.

Hoje afirmo que todas as experiências que vivi em minha vida, todas as escolhas que fiz, e a aproximação com a licenciatura implicaram em tornar-me quem eu sou.

## 7 E DE AGORA EM DIANTE?

“O homem é um ponto do universo onde uma enorme quantidade de forças se concentram e se atravessam e por fim transbordam, uma roda que gira por si mesma. Por isso é preciso afirmar-se de tal modo que se possa ir sempre no limite de si, expandindo-se. A expansão vem do **cultivo** das vivências, do cuidado e da prudência de digerir e compreender o que nos acontece. É um processo que exige atenção e prudência. Cultivar-se é fazer crescer as forças que nos habitam e podar as ervas daninhas que insistem em crescer no meio de nós”. Rafael Trindade .

A canção diz que *viver é uma arte e um ofício que precisa cuidado e que olhar para dentro é o maior desafio*<sup>7</sup>; a citação acima diz que *a expansão vem do cultivo de vivências que fazem crescer as forças*; eu digo que de agora em diante espero que o caminho seja cada vez mais encantado e que a educação me surpreenda cada dia mais.

AINDA<sup>8</sup>, não estou efetivamente trabalhando diretamente na escola como educadora, porque embora tenha sido chamada para o Processo Seletivo Simplificado do Paraná – SEED, todas as vagas disponíveis foram preenchidas por uma professora que estava em minha frente pela ordem do regulamento do P.S.S. Também no período da minha graduação (entre 2012 a 2016) até hoje (2017) não foi aberto concurso para professores no Estado do Paraná.

---

<sup>6</sup>NIETZSCHE – “TORNA-TE QUEM TU ÉS”  
<<https://razaoinadequada.com/2016/01/20/nietzsche-torna-te-quem-tu-es/>>

<sup>7</sup> Do seu Lado – Jota Quest

<sup>8</sup> Expressão conotativa do estado atual que pode alterar-se, causa movimento. Conceito subjetivo pautado por Valdo José Cavallet.

Infelizmente a atual relação dessa categoria com o atual Governador do Estado do Paraná Beto Richa tem sido pavorosa. O dia 29 de abril de 2015 foi batizado de “**Dia de Luto**” no qual o governador Beto Richa, o secretário Fernando Franscichini e o deputado Ademar Traiano autorizaram policiais da tropa de choque irem contra os professores – com balas de borrachas, sprays de pimenta, bombas de gás lacrimogêneo - é do tempo da ditadura, em que truculência e a violência varriam a todos que se manifestassem contrários ao regime<sup>9</sup>. Esse acontecimento muito se remete ao massacre sofrido pelos professores há 27 anos, comandado pelo governo Álvaro Dias.

Desde os dezesseis anos eu trabalho como auxiliar administrativo em escritório. Estou desde 2011 trabalhando no setor administrativo da empresa F.andreis Neto, localizada no escritório da Concessionaria da Travessia de Guaratuba. Atualmente trabalho em uma função de grande responsabilidade no setor financeiro. São nove horas diárias de muita dedicação e atenção. Esta empresa sempre se mostrou muito preocupada com seus funcionários na medida em que contribui financeiramente para alguns cursos e formação. Gosto do que faço, mas não sei por quanto tempo ainda exercerei esta função.

Devido a um desejo da infância, estou cursando graduação em Direito (curso particular na Faculdade ISEPE de Guaratuba, pago pela empresa que trabalho).

A referida instituição trabalha com o sistema tradicional de ensino. Foram alguns os enfrentamentos que já passei no que se refere ao autoritarismo e vaidade acadêmica de professores, o que me fez novamente persistir com resistência e resiliência e criar diálogos sobre o ocorrido com esses determinados professores e direção pedagógica da instituição.

---

<sup>9</sup> A causa da confusão foi à votação, na Assembleia Legislativa do Paraná (Alep), da reestruturação do ParanaPrevidência, responsável pelo pagamentos das aposentadorias dos servidores do estado. O projeto transferia cerca de 30 mil aposentados com mais de 73 anos do Fundo Financeiro – bancado pelo governo estadual – para o Fundo Previdenciário – formado por contribuições dos servidores e do estado – os dois fundos formam o ParanaPrevidência. A transferência ameaçava gerar um déficit no Fundo Previdenciário e a redução da solvência (capacidade do fundo de se manter estável) da ParanaPrevidência de 57 para 29 anos. <<https://paranaportal.uol.com.br/cidades/curitiba-rmc-litoral/29-de-abril-confronto-entre-professores-e-policiais-completa-um-ano/>>

Na primeira oportunidade prestarei concurso público para professor nas esferas estaduais e federal. Meu desejo é trabalhar em projetos educacionais como dos que citei no tema *SUPREENDER-SE: PROJETOS EDUCACIONAIS DE ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO*, contudo acredito que cada projeto é único e com suas singularidades, e sei que tenho responsabilidades para com a educação emancipatória em qualquer escola, local de aprendizagem em que me vincular.

Quanto aos outros seguimentos da vida, espero que o tempo seja generoso e me proporcione muita persistência, resistência e resiliência para trilhar os caminhos da educação e da vida.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**. Disponível em <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAhELwAC/a-importancia-ato-ler-paulofreire?part=2>>. Acessado em 19 março 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: 1975

GADOTTI, Moacir. **LIÇÕES DE FREIRE**. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551997000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100002)>. Acessado em 19 março 2018.

MERLEAU-PONTY, M. (1966). Le doute de Cézanne. In M. Merleau-Ponty, *Sens et non-sens*. (pp. 15-44). Paris: Nagel.

NIETZSCHE, F. *The Gay Science*. New York: Vintage Books Edition, 1974

PACHECO, José. **Aprender em comunidade**. 1. ed. - São Paulo: SM, 2014.

PANTALENA S, Eliane. O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais. São Paulo, 2010. Disponível em <[http://www.teses.usp.br/teses/.../48/...23062010.../ELIANE\\_SUKERTH\\_PANTALENA.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/.../48/...23062010.../ELIANE_SUKERTH_PANTALENA.pdf)>

SILVA, Wilton C. L. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 103 - 136. maio/ago. 2015

SPINDOLA ,SILVA SANTOS. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). Disponível em <<http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/207>>. Acessado em 19 março 2018.

TRINDADE, Rafael. **Nietzsche – Torna-te quem tu és**. Disponível em <https://razaoinadequada.com/2016/01/20/nietzsche-torna-te-quem-tu-es/>>. Acessado em 19 março 2018.